

Repensar o estilo de vida e procurar alternativas¹

Manuela Silva

1. Se este tema me tivesse sido proposto há uns 7 ou 8 anos atrás, sentiria, por certo, a necessidade de começar por fundamentar a sua pertinência, recorrendo a uma análise sobre a situação do Planeta Terra e os desequilíbrios que resultam de um conjunto de alterações em curso que poderão condicionar dramaticamente o nosso futuro colectivo e constituem, por isso, uma ameaça à paz.

Tais situações são inevitáveis: umas, por dependerem da evolução do próprio planeta e produzidas outras pela acção predadora do ser humano. Em particular, dada a minha formação em economia, ter-me-ia ocupado em demonstrar que o modelo económico vigente, nomeadamente a lógica cega do mercado e a sua regra de ouro de maximização do lucro do capital financeiro não conduz a uma convivência social sustentável. Nem do ponto de vista ambiental nem em termos de coesão social.

Hoje, não vejo necessidade de me debruçar sobre estes factos.

É que, entretanto, têm-se multiplicado as vozes que alertam para esta situação. Hoje, temos fundadas razões para lembrar o poema da Sophia de Melo Breyner: “Vemos, ouvimos e lemos, não podemos ignorar...”

Ainda recentemente correu mundo o filme “Uma verdade inconveniente” que sacudiu algumas consciências ainda adormecidas em relação às alterações climáticas em curso e seus efeitos previsíveis a prazo relativamente curto.

Também, no ano passado, a Fundação Gulbenkian, para comemorar o seu 50º aniversário, promoveu uma série de iniciativas acerca do estado do mundo e foram muitas as pistas deixadas pelos mais diversos cientistas, pistas essas que suscitaram uma justa apreensão em domínios tão variados como sejam: a escassez de recursos básicos incluindo a água potável, as migrações massivas inter-continentais, o terrorismo internacional ou os novos valores por que se estão regendo os comportamentos dos grupos humanos nas diferentes latitudes.

Em suma, creio que, hoje, os diagnósticos estão feitos, a informação circula pelos diferentes corredores ou avenidas dos media. A opinião pública está razoavelmente desperta.

Os governos aos vários níveis mostram-se preocupados e multiplicam-se as iniciativas de concertação de interesses, no plano internacional, nacional e local.

¹ Conferência organizada por Pax Christi - secção portuguesa
Cuidar da Terra e uns dos outros: Ecologia, Paz e Estilos de Vida, Semana da Paz 2007

Direi mesmo que as grandes empresas também já começam a dar-se conta que lhes cabe alguma responsabilidade na situação e que devem agir no seu próprio interesse, pois está em jogo a sua própria viabilidade a longo prazo. Fala-se em responsabilidade social das empresas.

Estaremos então no bom caminho para enfrentar estes novos desafios?

2. Não se poderá, porém, ir muito mais longe se, entretanto, não ocorrer uma mudança significativa de atitude e comportamento por parte da generalidade dos humanos e, em especial, por parte dos cidadãos e cidadãs dos países mais ricos. Mudança essa que implicará alteração nos estilos de vida das pessoas, mas também mudança nas lógicas de gestão das empresas, isto é, na mentalidade dos seus responsáveis e nos respectivos critérios de performance.

Nesta reflexão, deixarei de lado a questão da responsabilidade das empresas e debruçar-me-ei sobre a responsabilidade das pessoas.

3. O primeiro obstáculo a vencer é o da inércia face à mudança, o qual se alimenta do preconceito da inutilidade dos gestos individuais como ingrediente da mudança social.

A este propósito, está na hora de percebermos várias coisas:

- que eu sou parte do todo e que aquilo, que penso, digo e faço, tem repercussão no conjunto. Nenhum ou nenhuma de nós é um Robin Crusoë na sua ilha deserta;
- que o instante é partícula de um tempo largo. Integra um passado e antecipa um futuro, o que pressupõe que seja vivido com responsabilidade e não em atitude de *carpe die* ou goza o momento *now* como pretende certa publicidade;
- que os recursos do planeta são limitados.
- que a grande desigualdade e a extrema pobreza de muitos constituem focos de tensão social e são uma ameaça à paz que todos desejamos, pois que um dia explodirão de forma violenta e incontrolada;

4. E, então que fazer?

Num texto que escrevi em 2005, defendi a importância de desenvolver uma “**ética do necessário**” como opção pessoal.

Com uma tal expressão quero significar que importa:

- romper o círculo infernal da dominação pelo “ter” (conversão de Mamom a Deus);
- exercer um efectivo controlo sobre as nossas expectativas de progresso material ilimitado;
- aprender a adoptar um posicionamento crítico face à actual dominação do marketing;
- re-aprender e revalorizar o nosso apreço pela simplicidade e a qualidade da vida.

- revalorizar as relações humanas e apostar na qualidade destas relações (família, trabalho, vizinhança, ...);
- reconhecer a solidariedade como valor e viver a solidariedade como atitude permanente de vida;
- aprender a discernir a utilidade “real” das coisas materiais em comparação com o seu custo efectivo e praticar regularmente o exercício do “orçamento zero”.

A “**ética do necessário**” é, essencialmente, uma opção pessoal que deverá ser aceite e posta em prática nos nossos quotidianos. Mas não se limita a uma postura individualista. Quando profundamente assumida, esta opção implica ainda um empenhamento em acções colectivas que visem levar a “**ética do necessário**” para a esfera da prática cívica e política.

Com um tal objectivo, importa nomeadamente:

- denunciar o “esbanjamento” na vida colectiva, sob todas as suas formas (nos meios de trabalho, nas autarquias ou na Administração Pública, mas também nas paróquias ou nos clubes);
- opor as barreiras possíveis contra a corrupção;
- exercer o direito à crítica das prioridades dos gastos públicos;

No caso das comunidades cristãs, penso que seria também extremamente importante imprimir o cunho da “**ética do necessário**” na administração das obras a cargo das comunidades religiosas ou de outras organizações cristãs. Há obras e projectos que são exemplos de esbanjamento e expoente máximo do gosto da opulência, quando deveriam ser testemunho de simplicidade, sobriedade e solidariedade.

5. Conclusão

Queria terminar esta minha intervenção com uma nota de optimismo. A realidade está a mudar e há novos paradigmas de organização a vida colectiva que estão a emergir e que são prova de que é possível viver melhor, isto é, com mais saúde, mais segurança e melhor qualidade de vida, fora do quadro dominante de um consumo compulsivo e predador e de um ritmo de trabalho stressante.

Um dos tabuleiros em que mais visivelmente se jogam estas opções é o do mundo do trabalho. O trabalho impõe horários e ritmos ditados pelos interesses das organizações, empresas e outras, e o trabalhador aparentemente sente-se impotente para enfrentar os condicionalismos impostos e vai assumindo as novas condições laborais como uma inevitabilidade da globalização e da precariedade do vínculo laboral. Mas há quem encontre maneira de contornar tais dificuldades, desde logo reduzindo os respectivos tempos de trabalho (recusando duplo ou triplo emprego; evitando trabalho extraordinário ou a permanência no local de trabalho para além do horário estabelecido. Há quem tenha condições para optar por trabalho por conta própria e desempenho de actividades de utilidade social,... Naturalmente que estas opções não se fazem sem uma ponderação sobre as eventuais reduções no poder de compra e no consumo ou as perdas de estabilidade no emprego e outras. Como sempre na

vida, há que fazer escolhas e sabemos que delas depende, entre outras, a atenção às crianças e aos idosos, a qualidade da relação conjugal e a estabilidade das famílias, o desenvolvimento pessoal. Uma justa ponderação dos interesses familiares em jogo poderá servir como guia de discernimento. Neste domínio, muita coisa está mexendo...

No plano mundial, vão-se multiplicando iniciativas de vária natureza e proveniência que não só explanam estas ideias e as difundem, como procuram pô-las em prática colectivamente, ousando novos estilos de vida. Podem encontrar-se várias referências na Internet. Com as possibilidades criadas pelos meios de comunicação estas experiências desenvolvem as suas formas próprias de interagir e replicar. São, por ora, como gota de água que vai engrossando o rio de um novo paradigma de vida e organização da sociedade. São sinais dos tempos que importa conhecer e valorizar como caminhos para a paz.

Setembro 2007
Manuela Silva